



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO ACADÊMICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM FÍSICA – 2012.1
DISCIPLINA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO
PROFESSORA: LUISA DE MARILLAC RAMOS SOARES

ALUNOS: DIMAS MEIRA FERREIRA
JÉSSICA DE ARAÚJO VIEIRA

FATORES INTER E INTRAPESSOAIS INTERVENIENTES NOS PROCESSOS DE
ENSINO E APRENDIZAGEM: INTELIGÊNCIA, MOTIVAÇÃO E RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO / ALUNO-ALUNO

CAJAZEIRAS - PB

29-10-2012

DIMAS MEIRA FERREIRA
JÉSSICA DE ARAÚJO VIEIRA

FATORES INTER E INTRAPESSOAIS INTERVENIENTES NOS PROCESSOS DE
ENSINO E APRENDIZAGEM: INTELIGÊNCIA, MOTIVAÇÃO E RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO / ALUNO-ALUNO

Trabalho apresentado à professora
Luisa de Marillac, referente à
avaliação da segunda unidade, da
disciplina Psicologia da Educação.

CAJAZEIRAS – PB

29-10-2012

INTRODUÇÃO

Mediante pesquisa, apresentaremos no nosso trabalho informações sobre: fatores inter e intrapessoais intervenientes nos processos de ensino e aprendizagem como: inteligência, motivação e relação professor-aluno/aluno-aluno.

A educação sem dúvida é um dos campos mais importantes na sociedade que merece a devida atenção, investimentos suficientes e profissionais qualificados para saberem atuarem na área e contribuírem para o progresso educacional.

Dentre os assuntos mais importantes para serem discutidos sobre o processo de aprendizagem, destaca-se a inteligência, a motivação e a relação professor-aluno/aluno-aluno.

Estes são realmente admiráveis, porque quando existe este conjunto colocado em prática torna-se indispensáveis para haver uma aprendizagem significativa. Na sala de aula, tanto o professor quanto o aluno precisa exercer funções para realizar-se quais estudantes, quais docentes.

FATORES INTER E INTRAPESSOAIS INTERVENIENTES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: inteligência, motivação, relação professor/aluno e aluno/aluno

INTELIGÊNCIA

Segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 395), inteligência é definido como: “Faculdade ou capacidade de aprender, apreender, compreender ou adaptar-se facilmente; intelecto, intelectualidade”, ou ainda “ destreza mental; agudeza, perspicácia”.

Ao analisar tal definição e estudar alguns slides apresentados em sala de aula a respeito deste assunto, percebemos que existem vários tipos de inteligências, no qual cada individuo pode se destacar com habilidades diferentes nas mais diversas áreas existentes. Sendo este um assunto tão complexo, tornou-se um dos aspectos da psicologia que recebeu mais atenção na educação. (slide, nº. 2, fatores inter e intrapessoais intervenientes nos processos de aprendizagem)

Ainda de acordo com os slides, estudiosos como Binet e Simon projetaram métodos para identificar crianças que fossem muito “retardadas” para a educação em escolas normais. A ideia seria testar qualidades de compreensão, raciocínio, julgamento e adaptação, os quais poderiam ser mais bem resolvidos por crianças mais velhas do que por mais novas, e melhor por crianças “brilhantes” do que por “burras”. (slide, nº. 6, fatores inter e intrapessoais intervenientes nos processos de aprendizagem)

Os autores dessa escala assumiram que os baixos resultados nos testes indicavam uma necessidade para uma maior intervenção dos professores no ensino destes alunos e não necessariamente que estes tivessem inabilidades de aprendizagem.

Já o Psicólogo norte-americano Lewis Terman, desenvolveu o conceito de Idade mental passando a ser conhecido como o quociente de inteligência – QI. Idade Mental, é aquela em que a maior parte das crianças consegue solucionar um problema considerado mais difícil, ela é independente da idade cronológica, que indica o tempo de existência do sujeito.

Segundo os slides apresentando em sala de aula, alguns fatores podem interferir num bom resultado do teste do QI: Problemas familiares, insatisfação com

professores, tédio da escola, deficiência auditiva ou visual, problemas de linguagem, entre outros.((slide, nº. 12, fatores inter e intrapessoais intervenientes nos processos de aprendizagem) Daí percebe-se a importância de se elaborar métodos para ajudar no aperfeiçoamento de cada um. A criança precisa ser estimulada a querer aprender, e uma das maneiras de fazer isso é apresentar assuntos que sejam de seu interesse, e que ao mesmo tempo sejam capazes de desenvolvê-los.

Como dito anteriormente, existem vários tipos de inteligências, ou seja, diante das muitas coisas existentes no mundo cada pessoa pode ter mais habilidade com determinada coisa, enquanto outras já se destacam com coisas diferentes, ou então uma pessoa pode se destacar em vários tipos de habilidades ao mesmo tempo.

Alguns estudiosos admitem que existem pelo menos trinta tipos de inteligências, entre elas: lógica-matemática, linguística, musical, pictórica-espacial, cinético-corporal, interpessoal, intrapessoal, emocional, naturalista, existencial, filosófica, teológica, entre outras. De fato, todos nascem com a capacidade de desenvolver inteligência, embora seja em diferentes campos, mais umas e outras menos. Resta cada um usar suas próprias habilidades da melhor maneira possível, e assim poder tornar sua vida significativa.

MOTIVAÇÃO

Segundo Lannoy Dorin no ano de 1979, diz que para entender melhor o conceito de motivação, primeiro apresentaremos o conceito de motivos. Então, motivos são elementos que ativa, que se mantém a uma ação de um determinado corpo, ou seja, são as necessidades, as carências, os interesses e os desejos que impulsionam o indivíduo a tomar certa direção.

A autora Ana Mercês no ano de 2002 aborda que, a motivação está presente na nossa vida em todo lugar, seja no trabalho, em casa ou na escola. A Equipe do Brasil Escola em um texto feito por Gabriela Cabral ressalta mais ainda, que é algo que vem do nosso interior, um impulso que pode vim a qualquer hora e em qualquer instante em toda a jornada da vida de todos os seres humanos, onde são encaminhados os objetivos de um sujeito. Quando falamos que a motivação é algo interior, então nos equivocamos em dizer que alguém possa nos motivar ou desmotivar.

Para a autora Ana Mercês no ano de 2002 a motivação é um processo que estimula o interior de um indivíduo para agir, tendo uma ligação com a necessidade, o ambiente e o objeto de satisfação. Ela provoca necessidade, interesse, desejo, curiosidade, vontade, entusiasmo, impulso e instinto.

Na base da motivação existe sempre um organismo que tem alguma necessidade, um desejo, um impulso para uma ação. O ambiente é um incentivo, onde o sujeito encontra o objeto de satisfação. E o objeto é o que dá a oportunidade de satisfazer a necessidade.

De acordo com o slid apresentado em aula sobre a motivação (slid, n. 21). A teoria de Maslow, que é uma teoria humanista que propõe uma abordagem distinta e de amplo alcance sobre a motivação humana, pois, assume que as pessoas possuem várias necessidades que competem entre si para expressar-se. Maslow organiza tais necessidades da seguinte forma: realização pessoal, estima, amor/relacionamento, segurança e fisiologia.

A autora Ana Mercês no ano de 2002 aborda também que a motivação é um fator essencial durante o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Onde, deve se iniciar através dos esforços dos alunos e do desejo de aprender. Na motivação os alunos podem adquirir tanto facilidade quanto dificuldade para aprender. E o principal papel do professor no fator da motivação é adotar a missão de estimulador, podendo ter o sucesso ou o fracasso ao tentar ensinar algo a seus alunos.

O ensino tem uma obsessão de produzir condições para que o aluno tenha prazer de aprender. Mas, a batalha, não é fácil, para isso, tem que surgir a partir de uma necessidade do educando. Portanto, fazer com que alunos desinteressados criem interesse de aprender é a tarefa mais difícil que um professor pode enfrentar.

O professor assumindo a função de estimulador sempre é bom que parta das necessidades que o aluno se encontra. Outra expectativa é conduzir outros interesses. Assim, o educador possibilita a aprendizagem por descoberta, fazendo desafios para que o aluno deseje aprender. Pode também, incrementar um desejo de estudar, pesquisar, algo que garanta a aprendizagem. Deve incentivar o educando através do seu dia-a-dia, e dos objetos de satisfação que fazem parte de seu mundo. Deve também, ter uma linguagem de fácil compreensão e dizer para os alunos a importância de aprender aquilo que está ensinando-os porque são coisas de bastante utilidade e que fazem sentido em nossa vida.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO / ALUNO-ALUNO

Fazendo uso de um dito popular, - “a primeira impressão é a que fica”, podemos dizer que sem dúvida os primeiros contatos entre professores e alunos, faz realmente grande diferença, pois pode gerar expectativas ou questionamentos. Segundo Morales, “as expectativas, os medos, a disposição da classe dependem em boa medida das primeiras aulas”. (Meireles 1998 p. 11).

No decorrer do ano letivo então, deve existir um bom relacionamento entre os docentes e estudantes, e não simplesmente se limitar o professor ensina, pergunta, responde, fazendo o aluno ser um simples receptor de informações. Em vez disso, deve haver um intercambio entre ambos, uma relação amigável, fraternal e edificante. Ainda de acordo com Morales, a relação professor aluno deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, como na própria satisfação profissional e pessoal do educando. (Morales 1998 p.10)

O ensino precisa ser significativo e proveitoso. Isso em grande parte depende do professor. Morales cita: -“Porque somos profissionais do ensino, nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado, buscamos seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo profissional. (Morales 1998 p. 13)

Os alunos por outro lado, devem saber reconhecer os esforços e dedicação do professor, e serem receptivos, colaborando assim com o bom andamento das aulas, muito embora muitas vezes não pareça, mas segundo Teixeira 2002. Os alunos valorizam muito o papel docente. Sem dúvidas se todos nós fizermos nossa parte, quer seja na função aluno, quer professor, contribuiremos para um ensino eficaz e uma aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho percebemos que os fatores inter e intrapessoais intervenientes nos processos de ensino e aprendizagem como: inteligência, motivação e relação professor-aluno/aluno-aluno são de extrema importância tanto para o professor porque o ajuda a lecionar melhor, a assumir seu papel de estimulador e ter boas relações com seus alunos. Quanto para os alunos que os ajuda na interação com o seu professor e colegas, ocorrendo à aprendizagem significativa. Assim, ambos aprendem juntos uns com os outros tanto o professor quanto os alunos.

REFERÊNCIAS

1. CABRAL, Gabriela. **Motivação**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/psicologia/motivacao-psicologica.htm>> acesso em 12 de julho de 2012.
2. DORIN, Lannoy. Motivação. In: _____. **Introdução à Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Brasil, 1979. p. 135.
3. WIKIPEDIA. **Quociente de inteligência**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quociente_de_intelig%C3%Aancia> acesso em 16 de maio de 2012.
4. MAX, Rose. **Cuidado com a sua imagem! A primeira impressão é a que fica**. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/society-and-news/news-items/474504-cuidado-com-sua-imagem-primeira/>> acesso em 06 de outubro de 2012.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Na fronteira – 2001 p. 395.
6. SANTANA, Ana Lúcia. **Quociente de Inteligência**, publicado em 20 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/psicologia/quociente-de-inteligencia-qi/>> acesso em: 16 de maio 2012.
7. MORALES, Pedro Vallejo. **A relação professor-aluno o que é, como se faz**. São Paulo, SP 1998. Edição Loyola, São Paulo, Brasil 1999.
8. ALVARENGA, Abigail Matoney. SCOZ, Beatriz. TEIXEIRA, Lúcia Maria Furlani. SILVA, Moacir da, SOUZA, Vera Lúcia Trevison de. **As relações interpessoais na formação de professores**. São Paulo SP, 2002. Edições Loyola 2002.
9. BOCK, Ana Mecês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Motivação. In: _____. **Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. edição reformulada e ampliada— 1999, 3ª tiragem — 2001. São Paulo: Editora Saraiva, 2001. p. 120 – 122.